

RODA DE SACI – QUE CENA É ESTA? A ARTE DE ENSINAR A TRANSGREDIR OU PRÁTICAS DA ARTE NO COTIDIANO ESCOLAR EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO ENGAJADA

RODA DE SACI - WHAT SCENE IS THIS? THE ART OF TEACHING TO TRANSGRESS OR PRACTICES OF ART IN THE DAILY SCHOOL IN SEARCH OF AN ENGAGED EDUCATION

*Tatiana Aparecida Teodor da Silva*¹ - IA UNESP

Resumo

O artigo propõe uma reflexão sobre transgressão no ambiente escolar a partir de uma prática artística-pedagógica denominada “Roda de Saci” que planeja transformar as práticas de ensino em arte inspirada pelos pensamentos de Paulo Freire e Bell Hooks. A “Roda de Saci” cria um ambiente acolhedor em sala de aula, incentivando os estudantes a expressarem suas travessuras e se envolverem de maneira autônoma na aprendizagem, desafiando as normas sociais e educacionais estabelecidas. Além disso, a narrativa mitológica do Saci Pererê, estudada por Câmara Cascudo, é considerada um símbolo de resistência e subversão cultural no contexto brasileiro. Essa prática não apenas promove a expressão artística, mas também capacita os estudantes a se tornarem agentes de mudança em um ambiente escolar mais inclusivo e enriquecedor.

Palavras-chave: Saci. Transgressão. Arte Educação

Abstract

The article proposes a reflection on transgression in the school environment through an artistic-pedagogical practice called "Roda de Saci", which aims to transform teaching practices into art inspired by the thoughts of Paulo Freire and Bell Hooks. The "Roda de Saci" creates a welcoming atmosphere in the classroom, encouraging students to express their pranks and engage autonomously in learning, challenging established social and educational norms. Additionally, the mythological narrative of Saci Pererê, studied by Câmara Cascudo, is considered a symbol of resistance and cultural subversion in the Brazilian context. This practice not only promotes artistic expression but also empowers students to become agents of change in a more inclusive and enriching school environment.

Keywords: Saci. Transgression. Art Education

¹ **Silva**, T. A. T. é artista educadora, formada em artes cênicas e pós-graduada em direção e interpretação teatral. Mestranda na UNESP faz parte do programa ProfArtes2023 e é a criadora da “Roda de Saci” a qual se deve sua pesquisa. <http://lattes.cnpq.br/7393196204793704>

Introdução

A instituição escolar, como cenário essencial na formação dos indivíduos, tem sido alvo de diversas reflexões que buscam desvendar suas estruturas de poder e controle.

Inspirada nas teorias libertadoras de Paulo Freire e Bell Hooks, a prática artística e pedagógica “Roda de Saci” se apresenta como uma abordagem inovadora, que oferece um ambiente inclusivo e acolhedor para os estudantes expressarem suas travessuras e vivências.

Ao mesmo tempo, através do pensamento de Foucault (1987), somos convidados a questionar e repensar a própria natureza das relações de poder na escola e como elas afetam a formação dos estudantes.

Neste contexto, percorre-se, a partir da obra de Câmara Cascudo (2012), a trajetória do mito do Saci, compreendendo suas implicações culturais e simbólicas na sociedade brasileira. Além disso, explora-se o potencial transformador da narrativa do Saci no âmbito escolar, investigando como essa figura mitológica pode ser um canal de expressão e resistência, desafiando as normas e estruturas estabelecidas no contexto educacional. Assim, ao unir os pensamentos de Paulo Freire, Bell Hooks, as reflexões de Michel Foucault com a rica pesquisa de Câmara Cascudo, a análise tem em vista revelar o papel crucial da “Roda de Saci” na promoção de uma educação crítica, inclusiva e enriquecedora para os estudantes.

A instituição escola, uma reflexão foucaultiana

Foucault (1987) aborda a evolução histórica das práticas punitivas e de controle social em seu livro “Vigiar e Punir” (20ª ed. Vozes). Ao refletir sobre a instituição escolar, destaca como ela desempenha um papel crucial na reprodução de estruturas de poder e disciplina, as quais são essenciais para a manutenção do controle social. “Trata-se de lhe impor uma “ordem” (Foucault, 1987, p. 174).

Foucault (1987) critica a escola por ser uma das instituições que contribuem para a disseminação do poder disciplinar, no qual os indivíduos aprendem não apenas o conhecimento acadêmico, mas também a internalizar normas, comportamentos e

valores socialmente aceitos. Ele destaca como a escola, por meio de suas práticas de vigilância e punição, molda os corpos e as mentes dos estudantes conforme os ideais de produtividade, conformidade e obediência. Além disso, Foucault (1987) argumenta que a estrutura da escola moderna é modelada com base em elementos de controle e hierarquia, onde o poder é exercido não apenas pelo professor, mas também por meio de sistemas de vigilância e normalização. Ele chama a atenção para a maneira como a disciplina na escola “fabrica corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (Foucault, 1987, p. 164) que se adaptam às demandas da sociedade e do sistema de produção.

Por meio de suas análises, Foucault (1987) encoraja uma reflexão crítica sobre a relação entre poder, conhecimento e controle social, questionando como as instituições, como a escola, perpetuam determinadas formas de dominação e submissão, ao mesmo tempo, em que moldam as identidades individuais e coletivas.

Devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões? (Foucault, 1987, p. 250)

Transgressão, um olhar de Bell Hooks

Do ponto de vista de Hooks (2017), a transgressão envolve desafiar as normas sociais e culturais estabelecidas, muitas vezes de maneira criativa e crítica, a fim de promover a liberdade, a igualdade e a justiça. Para ela, a transgressão não é apenas um ato de rebeldia, mas uma ferramenta poderosa para questionar e reformular estruturas de poder que perpetuam a opressão e a desigualdade.

Ela encoraja a transgressão como uma forma de resistência contra sistemas opressivos e diz, “quando ensino, encorajo-os a criticar, avaliar e fazer sugestões e intervenções à medida que avançamos” (Hooks, 2017, p. 271).

A transgressão, de acordo com Hooks (2017), permite que os indivíduos reconheçam e desafiem as limitações impostas pela sociedade, abrindo caminho para uma maior conscientização e fortalecimento pessoal.

No contexto da educação e do aprendizado, Hooks (2017), defende que os educadores devem criar espaços de aprendizagem que incentivem a transgressão

construtiva, onde os estudantes consigam desafiar as ideias convencionais, questionar o padrão atual e explorar novas formas de pensamento e expressão.

Em resumo, para Hooks (2017) a transgressão é uma ferramenta poderosa para desafiar a opressão e promover a transformação social, cultural e educacional e afirma “meu compromisso com a pedagogia engajada é uma expressão de ativismo político” (Hooks, 2017, p. 267).

O Saci, uma narrativa mitológica por Câmara Cascudo

Na obra de Cascudo (2012), “A geografia dos mitos brasileiros”, é possível perceber que a formação de um mito é proveniente da cultura de um povo. A formação dos mitos que conhecemos hoje no Brasil são heranças de como o Brasil foi colonizado e como a cultura brasileira tem sido formada.

De forma articulada e convincente Cascudo (2012) nos convida percorrer a trajetória do mito mais travesso, astuto e transgressor de nossa cultura, o Saci.

Não há nesta trajetória maior ou menor importância em comparação com outros mitos. O que podemos compreender são os caminhos que ele percorreu deste amplo território nacional, em qual momento foi travesso ou diabólico, porque é mais lembrado em uma região específica do que outras, de onde surgem suas características físicas e comportamentais e até quais os impactos sociais sua memória provoca.

Temos ainda que “Saci está em todo o território sul do Brasil e nas repúblicas vizinhas” (Cascudo, 2012, p.112). Pode chegar ao norte e nordeste do país, mas nunca sai de lá para o sul. É uma entidade mitológica que recebe grande influência do colonizador português e dos povos originários Guaranis que habitavam também os países vizinhos Paraguai, Uruguai, Bolívia e até Peru.

No imaginário Amazônico há a figura de Matinta Perêra, um pássaro, que se assemelha ao Saci. “No mundo amazônico há Saci-ave. Não há Saci-moleque” (Cascudo, 2012, p.114).

Embora teu nome seja espalhado por quase todo o território nacional, cada região brasileira demonstra uma história particular ao narrar fatos sobre o Saci.

De acordo com relatos colhidos por Cascudo (2012), no Rio Grande do Sul é um menino de uma perna só que vive a atormentar os viajantes e se diverte com isso.

Em São Paulo é um negrinho que traz um boné vermelho na cabeça e vive nos brejos fazendo todo tipo de diabruras e dando altas gargalhadas. Já para nossos vizinhos, assim como para os Guaranis, é Yacy Yaterê quem ronda o imaginário popular como menciona: “um filho da selva, de cabelos ruivos, que aparece de noite pelos bosques para encantar as crianças que estão acordadas” (Cascudo, 2012 p. 118). Para alguns ele possui uma vara mágica que tirando-a tiram-lhe o poder. Em todos os relatos é possível perceber que é um menino pequeno, vermelho e ágil. Não se fala em uma perna só.

O certo é que: “ninguém pode tornar-se Saci e andar pedindo fumo pelos caminhos noturnos. Saci é Saci a vida inteira” (Cascudo, 2012, p.115)

De Estado em Estado Cascudo (2012), vai traçando uma linha de possíveis origens e parentescos para o Saci conforme os povos que mais influenciavam a cultura. Questiona se terá ele herdado a carapuça vermelha dos cabelos do Curupira? Os atos perversos de demônios portugueses? Muitas lendas europeias se assemelham com os relatos colhidos em busca de informações sobre o travesso. As lendas de lá vão se misturando com as lendas daqui, principalmente, das regiões povoadas pelos Tupis-Guaranis, é o que se constata, tamanha são as semelhanças de narrativas, no entanto, apenas depois do século XVIII é que o mito se torna onipresente em território nacional.

Há crenças, embora encontrada pouca influência negra na formação mitológica, de que “o Saci herda dos negros sua forma atual, já que relatos apontam semelhanças com Gunucô, fantasma protetor das matas” (Cascudo, 2012, p.121), no entanto, a perna única, provavelmente, surge do fabulário europeu, dos seres estranhos de suas lendas. Mas, tudo isso é história que o povo conta.

O mito do Saci é uma das figuras mais emblemáticas e intrigantes das tradições culturais em nosso país, e a pesquisa de Cascudo (2012) nos oferece uma visão abrangente e detalhada sobre essa icônica personagem. Sua transgressão revela-se como um dos aspectos mais marcantes e intrigantes das narrativas mitológicas.

Ao explorar essa figura travessa e irreverente, Cascudo (2012) nos mostra como o Saci desafia normas estabelecidas e subverte expectativas sociais, tornando-se um símbolo de resistência cultural e liberdade criativa.

Bakhtin (1987) menciona que o carnaval é uma expressão popular que dialoga com o rompimento das regras impostas, para ele o carnaval é o único momento que nenhuma norma é lembrada, ou seja, “durante a realização da festa só se pode viver as suas leis, as leis da liberdade” (Bakhtin, 1987, p. 6).

Então, se voltarmos a atenção para as manifestações populares, de acordo com minha análise, a transgressão do Saci pode ser entendida como uma forma de expressão do povo que muitas vezes se manifesta através da subversão de normas e valores impostos pela sociedade.

Nas histórias do Saci, vemos uma representação da rebeldia inerente à natureza humana, uma busca por liberdade e autonomia em meio a um contexto social muitas vezes rígido e opressivo.

Ainda, pode ser interpretada como uma forma de resistência cultural. Por ser uma figura mitológica brasileira, o Saci personifica elementos da identidade nacional que resistem à assimilação cultural e à homogeneização impostas por influências externas. Ao perpetuar a história do Saci e suas travessuras, o povo brasileiro reafirma sua singularidade cultural e mantém viva a rica tradição cultural das narrativas mitológicas.

Ao longo da obra de Cascudo (2012), podemos observar como o mito do Saci transcende gerações e permanece presente na cultura brasileira, adaptando-se a novos contextos e influenciando diferentes formas de expressão artística e literária. Essa capacidade de se reinventar e persistir ao longo do tempo reforça a importância do Saci como um ícone cultural do Brasil.

Através do Saci, somos convidados a abraçar a diversidade cultural do Brasil devido sua figura versátil, que representa as diferentes tradições e culturas presentes em todo o país. Além disso, o Saci nos convida a celebrar a liberdade de expressão, já que é frequentemente retratado desafiando normas e convenções sociais por meio de suas travessuras e comportamento irreverente. Sua natureza brincalhona e indomável reflete a capacidade humana de desafiar as restrições sociais e expressar-se de maneiras não convencionais. A criatividade presente na cultura popular também é ressaltada pela variedade de representações e interpretações do Saci em diferentes regiões do Brasil, destacando a habilidade criativa e imaginativa do povo brasileiro para recontar e reinventar histórias tradicionais.

A Roda de Saci

A “Roda de Saci” é uma prática artística-pedagógica realizada nas aulas de Arte com estudantes do Ensino Fundamental I da Escola Municipal João Larizzatti na cidade de Osasco, São Paulo.

A iniciativa surgiu a partir da percepção das necessidades dos estudantes durante as aulas de Arte. Eles demonstraram o desejo de ter um espaço onde pudessem se expressar livremente, uma necessidade que muitas vezes não era atendida pelas abordagens tradicionais de ensino, que, frequentemente, são percebidas por mim e por eles como opressoras.

O objetivo desta prática é experimentar os princípios da educação engajada, transgressora e libertadora propostos por Freire (2019) e Hooks (2017), a fim de desenvolver práticas artísticas-pedagógicas que resultem da interação entre fala e escuta no contexto escolar. Os objetivos específicos incluem a transgressão das fronteiras da educação tradicional, a construção de uma ponte entre a vivência cotidiana na sala de aula, as práticas artísticas e a transformação do indivíduo como protagonista de sua experiência escolar.

Nestas rodas, a partir de uma contação de história, inspirada no maior símbolo da mitologia brasileira, o Saci, e que revela parte da minha história de infância, todos os estudantes foram convidados a revelar também, suas travessuras. E, em contato com este espaço acolhedor, não julgador, os estudantes demonstraram maior interesse em participar das aulas. Possibilitando o desenvolvimento de habilidades antes ocultas, maior facilidade na comunicação, maior transparência das emoções, formação de senso crítico coletivo, autoconhecimento e percepção de si e do outro, dando um significado que vai muito além do fazer artístico. Por isso, começo a notar a prática como um processo de educação libertadora.

Pela perspectiva das reflexões de Hooks (2017), quando os estudantes revelam suas travessuras, pode ser compreendido como um ato de transgressão que desafia as normas estabelecidas pela autoridade, pela estrutura educacional e pela sociedade em geral. Estas travessuras poderiam ser interpretadas como uma forma de resistência contra as restrições impostas pelo sistema educacional dominante, ou, ainda, uma transgressão às imposições do próprio contexto familiar e social que está inserido.

Enfatizando também a importância de desafiar as normas opressivas e de encorajar a expressão criativa e crítica. A transgressão, quando utilizada de maneira construtiva, pode servir como uma ferramenta para questionar e remodelar as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade e a opressão.

Para Hooks (2017) “a partilha de experiências e narrativas confessionais em sala de aula ajuda a estabelecer o compromisso comunitário com o aprendizado” (Hooks, 2017, p.247).

Dessa forma, as travessuras dos estudantes não devem ser reconhecidas como simples atos de indisciplina, mas como expressões de resistência e reivindicação de suas identidades individuais. E esses comportamentos poderiam ser abordados com compreensão e empatia, procurando entender as razões por trás das travessuras e oferecendo aos estudantes a oportunidade de expressarem suas perspectivas e experiências de uma forma construtiva e produtiva.

Ana Mae Barbosa, uma defensora incansável da importância da arte na formação integral dos indivíduos, ao longo de sua trajetória, destaca como a educação pela arte pode contribuir para o desenvolvimento humano e para a compreensão crítica do mundo ao nosso redor. Ela promove métodos de ensino inovadores que valorizam a criatividade e a experimentação, incentivando os estudantes a explorarem suas próprias identidades culturais para conscientização da mesma e, a se envolverem ativamente com as práticas artísticas.

A partir do pensamento de Barbosa (2012), a arte-educação deve ser marcada por um movimento em direção a abordagens mais inclusivas, interdisciplinares e participativas, que buscam integrar a arte no cerne da experiência educacional, promovendo assim a valorização da diversidade cultural e o desenvolvimento crítico e criativo dos indivíduos.

Então, a “Roda de Saci” também é uma prática que se relaciona com os pensamentos de Ana Mae porque, enquanto sujeito da experiência, o estudante se percebe como indivíduo e pode desenvolver sua criticidade. Além disso, esta prática artística e pedagógica atravessa as barreiras da escola tradicional, permitindo aos estudantes um lugar de existir e existir através do fazer artístico.

E, como fonte de inspiração, o mito do Saci Pererê revela-se carregado de significados que, no contexto decolonial abre caminhos para o pensamento crítico da

formação da sociedade, levando para a sala de aula, reflexões sobre racismo, a situação dos escravizados perante o colonizador e a resistência. Tudo isso, na simplicidade de contar histórias.

Conclusão

A “Roda de Saci” é uma prática artística-pedagógica realizada nas aulas de Arte com estudantes do Ensino Fundamental I da Escola Municipal João Larizzatti na cidade de Osasco, São Paulo.

A iniciativa surgiu a partir da percepção das necessidades dos estudantes durante as aulas de Arte. Eles demonstraram o desejo de ter um espaço onde pudessem se expressar livremente, uma necessidade que muitas vezes não era atendida pelas abordagens tradicionais de ensino, que, frequentemente, são percebidas por mim e por eles como opressoras.

O objetivo desta prática é experimentar os princípios da educação engajada, transgressora e libertadora propostos por Freire (2019) e Hooks (2017), a fim de desenvolver práticas artísticas-pedagógicas que resultem da interação entre fala e escuta no contexto escolar. Os objetivos específicos incluem a transgressão das fronteiras da educação tradicional, a construção de uma ponte entre a vivência cotidiana na sala de aula, as práticas artísticas e a transformação do indivíduo como protagonista de sua experiência escolar.

Nestas rodas, a partir de uma contação de história feita pela artista educadora, todos os estudantes foram convidados a revelar suas travessuras, inspirados no maior símbolo da mitologia brasileira, o Saci. E, em contato com este espaço acolhedor, não julgador, os estudantes demonstraram maior interesse em participar das aulas. Possibilitando o desenvolvimento de habilidades antes ocultas, maior facilidade na comunicação, maior transparência das emoções, formação de senso crítico coletivo, autoconhecimento e percepção de si e do outro, dando um significado que vai muito além do fazer artístico. A prática começa a ser notada como um processo de educação libertadora.

Pela perspectiva das reflexões de Hooks (2017), quando os estudantes revelam suas travessuras, pode ser compreendido como um ato de transgressão que desafia

as normas estabelecidas pela autoridade, pela estrutura educacional e pela sociedade em geral. Estas travessuras poderiam ser interpretadas como uma forma de resistência contra as restrições impostas pelo sistema educacional dominante, ou, ainda, uma transgressão às imposições do próprio contexto familiar e social que está inserido.

Enfatizando também a importância de desafiar as normas opressivas e de encorajar a expressão criativa e crítica. A transgressão, quando utilizada de maneira construtiva, pode servir como uma ferramenta para questionar e remodelar as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade e a opressão.

Para Hooks (2017) “a partilha de experiências e narrativas confessionais em sala de aula ajuda a estabelecer o compromisso comunitário com o aprendizado” (Hooks, 2017, p.247).

Dessa forma, as travessuras dos estudantes não devem ser reconhecidas como simples atos de indisciplina, mas como expressões de resistência e reivindicação de suas identidades individuais. E esses comportamentos poderiam ser abordados com compreensão e empatia, procurando entender as razões por trás das travessuras e oferecendo aos estudantes a oportunidade de expressar suas perspectivas e experiências de uma forma construtiva e produtiva.

Ana Mae Barbosa, uma defensora incansável da importância da arte na formação integral dos indivíduos, ao longo de sua trajetória, destaca como a educação pela arte pode contribuir para o desenvolvimento humano e para a compreensão crítica do mundo ao nosso redor. Ela promove métodos de ensino inovadores que valorizam a criatividade e a experimentação, incentivando os estudantes a explorarem suas próprias identidades culturais para conscientização da mesma e, a se envolver ativamente com as práticas artísticas.

A partir do pensamento de Barbosa (2012), a arte-educação deve ser marcada por um movimento em direção a abordagens mais inclusivas, interdisciplinares e participativas, que buscam integrar a arte no cerne da experiência educacional, promovendo assim a valorização da diversidade cultural e o desenvolvimento crítico e criativo dos indivíduos.

Então, a “Roda de Saci” também é uma prática que se relaciona com os pensamentos de Ana Mae porque, enquanto sujeito da experiência, o estudante se

percebe como indivíduo e pode desenvolver sua criticidade. Além disso, esta prática artística e pedagógica atravessa as barreiras da escola tradicional, permitindo aos estudantes um lugar de existir e existir através do fazer artístico.

Ainda, como fonte de inspiração, o mito do Saci Pererê revela-se carregado de significados que, no contexto decolonial abre caminhos para o pensamento crítico da formação da sociedade, levando para a sala de aula, reflexões sobre racismo, a situação dos escravizados perante o colonizador e a resistência. E tudo isso acontece na simplicidade de contar histórias.

Em suma, é essencial enfatizar a importância de práticas educacionais inovadoras e inclusivas, como a “Roda de Saci”, que transcendem os limites da educação convencional. A partir da integração de conceitos e práticas de Freire (2019) e Hooks (2017) esta abordagem promove a expressão criativa, a resistência cultural e a conscientização crítica dos alunos.

Ao analisarmos os pensamentos de Barbosa (2012) sobre o papel da arte-educação, a prática da “Roda de Saci” exemplifica como a arte pode servir como uma ferramenta poderosa para promover a liberdade, a autoexpressão e a consciência cultural. Ao permitir que os estudantes revelem suas travessuras e se envolvam com narrativas mitológicas como a do Saci Pererê, a prática desafia as normas e incentiva a reflexão crítica sobre a história e a cultura brasileira.

Além disso, a narrativa mitológica do Saci, a partir da pesquisa de Cascudo (2012), revela-se como uma representação simbólica da resistência e da subversão cultural, desafiando valores estabelecidos e promovendo a diversidade cultural e a liberdade criativa.

E ao considerar a perspectiva de Foucault, (1987) a “Roda de Saci” ganha ainda mais relevância como uma prática que desafia as normas e as estruturas de poder no sistema educacional. Ao oferecer um espaço acolhedor e não julgador, a “Roda de Saci” permite que os estudantes se expressem livremente e se envolvam em processos de aprendizagem mais autônomos e emancipatórios, contrapondo-se assim às práticas disciplinares e de controle que Foucault, (1987) discute em sua obra “Vigiar e Punir”.

Portanto, a “Roda de Saci”, sob as reflexões de Foucault, (1987) emerge como uma prática educacional que visa criar espaços de resistência e transformação no

contexto escolar. Ao proporcionar uma experiência educativa mais humanizada e inclusiva, ela desafia as dinâmicas de poder e controle presentes na instituição escolar, abrindo caminho para uma educação mais comprometida com a emancipação e a justiça social.

Dessa forma, a “Roda de Saci” é uma prática artística-pedagógica, de descobertas que cria um espaço de valorização da identidade, onde os estudantes podem se expressar livremente e explorar seu olhar para o mundo de maneira significativa.

Ao incorporar os princípios de educação engajada, transgressora e libertadora, essa abordagem educacional oferece aos estudantes a oportunidade de se tornarem agentes ativos de mudanças.

Por fim, é fundamental reconhecer a importância de práticas educacionais que incentivem a transgressão construtiva e a reflexão crítica, permitindo que os estudantes sejam participantes ativos na construção de um ambiente escolar mais inclusivo, diversificado e enriquecedor. A “Roda de Saci” exemplifica como a arte-educação pode ser uma ferramenta poderosa para capacitar os estudantes a se tornarem cidadãos críticos e criativos, que valorizam e respeitam a rica diversidade cultural do Brasil.

Referências

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2017

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2019

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. São Paulo. Global, 1ª edição digital, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis. Vozes, 1987.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**; tradução Yara Fratesqui. São Paulo. Editora Hucitec, 1987.